

Bancos esperam mudanças...

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

custa hoje US\$ 10 mil. Mas o dinheiro novo, de longo prazo, terá de vir das agências internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Os bancos comerciais querem entrar com dinheiro novo, mas de curto prazo", resumiu.

"Pelo que tenho conversado com meus colegas no Citibank e no Morgan, a administração de George Bush deve lançar um novo Plano Baker, e nossa expectativa é de que haverá algum tipo de securitização bancado pelas agências internacionais", emendou um dos vice-presidentes presentes ao almoço, George Carmany III.

Smith, um engenheiro com 28 anos de experiência na General Electric, que assumiu o comando do American Express Bank em 1985 e o levou a mais de US\$ 4 bilhões em depósitos no ano passado, tem reduzido sistematicamente seus empréstimos no mundo em desenvolvimento.

O banco tinha aplicados no Terceiro Mundo US\$ 2,42 bilhões em 1986, e reduziu sua exposição para US\$ 1,525 bilhão no ano passado, devendo concluir este ano com US\$ 1,2 bilhão. Para gerir esses créditos, o banco criou uma subsidiária, a International Capital Corporation (ICC), que deve livrar-se inteiramente de seus débitos com países em desenvolvimento até o fim de 1989.

Embora o desempenho do banco em 1987 tenha sido inferior ao do ano anterior, Smith não é pessimista quanto ao futuro próximo. "Pela primeira vez, as reservas sobre perdas al-

cançaram um ponto onde é possível contemplar o perdão da dívida como parte da solução para o problema da dívida dos países menos desenvolvidos", afirmou.

Ele nota que as provisões do seu próprio banco, para segurar perdas nesses empréstimos, estão hoje em torno de 60%. Os grandes bancos, como Citibank e Morgan, estão com provisões de 25 a 30% para países como México, Venezuela ou Brasil. As provisões de alguns bancos alemães chegam a 80%. "Eu diria que, na média mundial, as reservas estão na faixa de 40%. Acho que seria necessário termos reservas de 50%. A diferença é pequena", estimou.

Mas Smith pondera que a desvalorização dos empréstimos deve ser apenas parte de uma solução mais ampla. "Felizmente, nós temos pela última conta 22 grandes iniciativas políticas com sugestões para ajudar os países em desenvolvimento — do plano de desvalorização do débito das Nações Unidas à proposta de securitização da dívida pelo ministro das finanças do Japão, até a sugestão do presidente do conselho do American Express, James Robinson, de uma nova agência do FMI e do Banco Mundial: o Instituto de Débito e Desenvolvimento Internacional", argumentou.

Todos esses planos, a seu ver, refletem idéias que merecem séria consideração. O que falta é uma liderança que defina uma solução. O fato de 1988 ter sido um ano eleitoral nos Estados Unidos prejudicou essa definição. "Mas agora que os votos foram contados", acrescentou, "o presidente Bush vai assumir o cargo com amplas razões para

fazer movimentos ousados".

Smith nota que a eleição mexicana trará um sinal de advertência para o Primeiro Mundo: "O fato de Carlos Salinas, o candidato do 'Establishment', ter vencido com a menor margem na história mexicana mostra que a frustração popular com uma economia estagnante — e particularmente o ressentimento com a dívida externa — alcançou um nível crítico".

Na breve entrevista que concedeu após o discurso, Smith observaria que "os partidos de esquerda venceram as eleições municipais no Brasil, e o peronismo está forte na Argentina". Isso consolida a sua impressão de que "com o crescente sentimento nacionalista em muitos países, não é mais possível ignorar que a dívida dos países em desenvolvimento é uma questão política, e não apenas financeira".

O presidente do American Express Bank está convencido de que o papel dos bancos comerciais, no futuro próximo, será apenas o de prover recursos de curto prazo para o Terceiro Mundo, com a função de estimular o comércio (financiamento de exportações e importações). Para isso, no entanto, ele considera importante que "os Estados Unidos continuem sendo o principal motor que empurra a economia mundial avante".

Nesse aspecto também ele é otimista. Smith prevê um crescimento menor da economia americana no próximo ano, algo em torno de 2,5 a 3%, em relação a este ano, "mas eu de maneira alguma antevio uma recessão. Acho que ainda há espaço para mais

três ou quatro anos de crescimento".

Ele acredita também que George Bush fará alguns ajustamentos sem usar a expressão "aumento de impostos". "Cada penny que ele aumentar no imposto da gasolina significa US\$ 1 bilhão de novos recursos", imagina Smith. Assim, não importa a retórica que Bush venha a usar em seu discurso de inauguração. "Ele vai trabalhar efetivamente com o Congresso para reduzir o déficit".

Pessoalmente, Smith imagina que o mundo, no final do século XX, rumará para a formação de três blocos comerciais: a Europa unida de 1992, o bloco americano de Estados Unidos e Canadá, com a possível inclusão do México e talvez do resto da América Latina, e o segundo mundo socialista, "o mais pobre dos três".

CEF — A Caixa Econômica Federal (CEF) inaugurou ontem à tarde as novas instalações de sua agência, no primeiro pavimento do prédio principal do Congresso Nacional, em frente às antigas instalações que, por sua vez, abrirão espaço à ampliação da agência do BB, ao lado.

O ato teve a presença do presidente do Congresso, senador Humberto Lucena; do 1º vice-presidente da Câmara, deputado Maurício Campos, representando o presidente Ulysses Guimarães; do vice-presidente administrativo da CEF, Marcelino Lincoln; do diretor de captação, José Carlos Teixeira; e de diversos parlamentares. Em nome da direção da CEF, discursou na oportunidade o ex-deputado José Carlos Teixeira que expressou a satisfação da Caixa em entregar a nova agência ao Congresso, e assim melhor servir aos parlamentares e aos milhares de servidores da casa.